

BIOÉTICA GLOBAL E RESPONSABILIDADE GLOBAL: A CONTRIBUIÇÃO DE HANS KÜNG

(Global Bioethics and Global Responsibility: the contribution of Hans Küng)

Márcio Fabri dos Anjos *

A *bioética global* é uma expressão que visa garantir uma percepção dos desafios e alternativas éticas para a construção da vida e do ambiente em âmbito mundial ou planetário. Neste sentido enfatiza um enfoque de bioética que não se restringe às relações interpessoais no campo da saúde, por mais relevantes que estas sejam. E muito menos relega a bioética aos espaços da curiosidade sobre novas biotecnologias prometidas ou já efetivadas. A importância de pensar a bioética em termos *globais* se confirma pela exigência de uma construção ética que envolva a responsabilidade e a ação dos diferentes grupos humanos em escala mundial. Nesse contexto, o esforço da proposta de Hans Küng merece atenção. De fato, seus postulados já aparecem mencionados em grandes eventos que congregam diferentes expressões do pensamento e das convicções religiosas.

A contribuição de Hans Küng para o que chamamos de responsabilidade global em termos de bioética deve ser buscada dentro do conjunto de sua reflexão e de sua proposta. Deve-se notar, em primeiro lugar, que tal contribuição não está direcionada para a bioética. Esta, inclusive, é assumida ao menos inicialmente de modo restrito, ao lado da “ética sexual, a ética da ciência e dos meios de comunicação”¹.

* Centro Universitário São Camilo. Artigo submetido a avaliação no dia 05/03/2009 e aprovado para publicação no dia 22/06/2009.

¹ DECLARATION of the Parliament: *A Global Ethics. The Declaration of the Parliament of the World's Religions*, London / New York: SCM Press / Continuum, 1993; *Declaração de Ética Mundial do Parlamento das Religiões Mundiais*, 4 de setembro de 1993, Chicago, EUA. [Disponível em www.weltethos.org/dat-english/pdf_eng/bibl-hk-eng.pdf – acessado em 2/07/2008].

Em segundo lugar, cumpre ressaltar que o projeto de Hans Küng tem características de um movimento de âmbito mundial, por ele intitulado de *Projekt Weltethos – Projeto de Ethos Mundial*. O autor subsidia de diferentes formas e com extensa bibliografia as argumentações em favor deste projeto. Para se compreender adequadamente tal projeto, há que se observar que o foco central de sua proposta está no *ethos mundial* e não propriamente na ética mundial. Várias traduções, entre as quais o Português e o Francês, têm preferido traduzir *Weltethos* por *ética mundial*, e *Ethos* simplesmente por *ética*, o que obviamente não é a mesma coisa. Tal imprecisão tem, às vezes, criado expectativas que o projeto na verdade não se propõe.

No presente estudo, fazemos breve descrição da trajetória deste projeto; buscamos ressaltar alguns tópicos essenciais de sua proposta; ensaiamos algumas observações críticas e concluímos buscando assinalar características de sua contribuição para a bioética global.

1. Weltethos – Da percepção de problemas mundiais a uma ação mundial

O projeto de Hans Küng nasce de uma percepção sobre a realidade mundial que ele a entende como catastrófica e abominável; e a expressa em termos contundentes:

O mundo agoniza. E sua agonia é tão pungente e aflitiva que nos sentimos desafiados a nomear suas formas de manifestação, de modo a evidenciar a gravidade de nossa preocupação. A paz esquivase de nós – o planeta está sendo destruído – vizinhos convivem com medo – homens e mulheres são estranhos uns para os outros – crianças morrem!²

Ao nomear as formas de manifestação desta agonia, mencionam-se “a usurpação dos ecossistemas”, a pobreza, a fome, as desigualdades econômicas, “a morte insensata de crianças”. E enfatiza: “Condenamos em especial a agressão e o ódio, cultivados em nome da religião”.

Nascido em 1928 em Sursee, na Suíça, Hans Küng é teólogo católico doutorado pela Universidade de Paris (1957). Desde 1960 passou a lecionar na Universidade de Tübingen, na Alemanha, com projeção mundial; tendo seus mais de 60 livros traduzidos em muitos países. Crítico a começar pelo âmbito interno da Igreja católica romana, tornou-se um teólogo bastante polêmico nos circuitos eclesiais. Talvez esta mesma postura crítica no interno de sua confessionalidade católica lhe tenha propiciado semelhante postura diante das religiões mundiais, pois estas constituem um alvo especial em seu projeto.

² *Ibid.*

Em 1990 Hans Küng publica a obra *Projekt Weltethos*, que citamos pela edição brasileira (1992)³. Esboça ao mesmo tempo uma declaração de princípios, para a qual busca adesão mundial, especialmente por parte das grandes religiões mundiais. Em 4 de setembro de 1993 consegue que sua declaração seja assumida por um comitê do Parlamento das Religiões Mundiais, reunido em Chicago-USA⁴. Em 1995 recebe uma doação, com a qual cria a *Fundação Ethos Mundial para pesquisa, formação e diálogo intercultural e inter-religioso* (*Stiftung Weltethos für interkulturelle und interreligiöse Forschung, Bildung und Begegnung*). Seus dados são disponíveis em <www.weltethos.org>. A partir de 1997 seu empenho o leva a explicitar os nexos do seu projeto com os segmentos sociais por onde passam as grandes questões globais da sobrevivência humana, particularmente a política e a economia⁵; e procura tecer também declarações para este âmbito social⁶.

Nesta exposição, ao invés de seguir uma descrição cronológica das reflexões e propostas que constituem o projeto *Weltethos*, preferimos iniciar por suas análises e propostas sociais, pensando com isto deixar mais claras as bases argumentativas do autor. A dedicação de Hans Küng em levar o projeto tem sido notável por suas inúmeras conferências e escritos, sobre os quais oferecemos algumas indicações no final deste ensaio. Os resultados obtidos até hoje com este projeto não entram nas análises deste estudo.

2. Perspectivas para um mundo mais justo, pacífico e humano

As implicações políticas e econômicas da proposta de *Weltethos* foram contempladas por Hans Küng nos anos seguintes à Declaração, como mencionamos acima. A tônica dos enfoques assumidos pelo autor em sua obra de referência no assunto, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, 1997 (os textos serão citados pela edição brasileira posterior, embora mantenhamos a indicação do ano 1997)⁷, está marcada desde o prólogo por uma preocupação em proferir um “oráculo”, oferecer uma “visão” sobre a realidade mundial: “Nesta mudança de época e de paradigma em que o

³ H. KÜNG, *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, São Paulo: Paulinas, 1992; original: *Projekt Weltethos*, München: Piper Verlag GmbH & Co. KG, 1990; em francês: *Projet d'éthique planétaire: La paix mondiale par la paix entre les religions*, Paris: Du Seuil, 1991; em Portugal: *Projecto para uma Ética Mundial*, Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

⁴ DECLARATION of the Parliament. *A Global Ethics*.

⁵ H. KÜNG, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, München: Piper Verlag GmbH, 1997 (no Brasil: *Uma Ética Global para Política e Economia Mundiais*, Petrópolis: Vozes, 1999).

⁶ H. KÜNG / H. SCHMIDT (org.), *A Global Ethics and Global Responsibilities. Two Declarations*, London: SCM Press, 1998.

mundo está envolvido, com sua política, economia e cultura, não deveríamos buscar com urgência, a partir dos fundamentos espirituais da humanidade, uma *orientação básica* para o presente em função do futuro?”⁸ E finaliza dizendo: “O que o livro pretende é isto: Diante da crise de orientação social nesta virada do milênio, desejamos aqui, num diálogo receptivo com a ciência política e econômica, ter a ousadia de buscar uma orientação básica sob a forma de uma *visão realista ou de uma visão de conjunto*, que tente divisar os contornos de um mundo mais pacífico, mais justo e mais humano”⁹.

Propõe-se, entretanto, elaborar uma visão de conjunto argumentativamente desenvolvida e eticamente orientada. Sua proposta se esclarece bastante ao criticar uma oscilação da Política mundial entre propostas **realistas** e **idealistas**.

2.1 Uma Política idealista?

Como ensaio de uma Política idealista, Hans Küng descreve os esforços em prol de um novo paradigma político após a primeira guerra mundial (1914-1918), liderada por Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos. Sua concepção de nova ordem mundial era compreendida a partir de três princípios entrelaçados: liberdade para todos os povos; justiça para amigos e inimigos; garantia da paz através de uma Liga das Nações¹⁰. Mas esta política foi criticada como uma *cruzada pela democracia*, demasiadamente idealista e cercada de ambiguidades, que Reinhold Niebuhr¹¹ bem explicitou nos anos 30. A política idealista seria facilmente *hipócrita* (critica outras nações e não a própria); *ilusória* (abre espaço para intervencionismo sem critérios e para o isolacionismo nacional); *ineficaz* (sem poder para se impor, pois uma política baseada “em convicções e ideais morais e por trás da qual não se encontra nenhum efetivo poder político – às vezes mesmo um poder militar – para a impor está fadada ao fracasso”¹².

2.2 Política realista

Como Política realista, Hans Küng aponta a que foi liderada por Hans J. Morgenthau¹³. Ele parte do fato de a natureza humana estar impelida por diferentes forças contraditórias, por interesses opostos e conflitantes, e que,

⁷ KÜNG, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*.

⁸ *Ibid.*, p. 17.

⁹ *Ibid.*, p. 18.

¹⁰ *Ibid.*, pp. 71s.

¹¹ R. NIEBUHR, *Moral man and immoral society: A study in ethics and politics*, New York, 1932. Apud KÜNG, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, p. 78.

¹² KÜNG, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, p. 80.

¹³ H.J. MORGENTHAU, *Politics among nations: The struggle for power and peace*, New York, 1948. Apud KÜNG, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, p. 83.

portanto, princípios morais não podem ser sempre postos em perfeita prática. “O *realismo* desta teoria consiste em que ela coloca como ponto *central e absoluto* o conceito de um *interesse compreendido como poder*”. E continua dizendo que isto resulta em constante luta pela existência onde os interesses determinam a associação ou a disputa pelo poder: “A paz, portanto, deve, onde for possível, ser garantida pela diplomacia, mas, quando se fizer necessário, também pela ameaça do emprego da força; a paz não é um presente do céu, como pensam os idealistas e utopistas, mas sim um subproduto da estabilidade e do equilíbrio nas relações de poder entre os povos”¹⁴.

Reconhecendo a centralidade do poder e a ambiguidade do seu uso nas relações humanas, Hans Küng ressalta o esforço da humanidade em conter os abusos do poder. Alude à atualidade das seis invenções sintetizadas por A. Riklin¹⁵ nesse sentido:

- a domesticação do poder através da constituição e das leis;
- a partição do poder pela constituição mista ou divisão dos poderes;
- a limitação do poder através de direitos fundamentais intocáveis;
- a moderação do poder pelo princípio da correspondência;
- a participação no poder por parte dos súditos do poder;
- o equilíbrio do poder através da diminuição do gradiente do poder (alusão a J. Rawls em *Uma teoria da Justiça*).

Hans Küng identifica grande influxo do pensamento de Nietzsche na fundamentação da política *realista*. Ressalta nesta proposta a subordinação da moral à política, e das políticas nacionais aos interesses de grupos econômicos. Avalia que Morgenthau se apercebe da inadequação desta *antinomia* entre moral e política e, pela falta de fé e de uma metafísica, “sente falta de um sólido *ponto de apoio e de uma escala de valores*”¹⁶, sem entretanto conseguir resolver tal antinomia. Hans Küng conclui sua análise com grandes interrogações que podem ser assim sintetizadas: a consciência ética na grande disputa histórica entre poder e moral, já não está de antemão perdida, como tantos insistem? Insistir em *valores* humanos não seria ingenuidade de profeta ou pregador? Construir Política unicamente sobre interesses não é ser um frio e inteligente estrategista? Política e moral só andam juntas quando não há interesses importantes em jogo? Os interesses principalmente comerciais não são mais fortes que os postulados político-morais?

¹⁴ KÜNG, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, p. 84.

¹⁵ A. RIKLIN, “Politische Ethik”, in H. KRAMER (org.), *Politische Theorie und Ideengeschichte im Gespräch*, Viena, 1955, pp. 81-104, aqui p. 87. Apud KÜNG, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, p. 105.

¹⁶ KÜNG, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, p. 93.

A subordinação dos princípios morais à política não pode também justificar a guerra, a tirania e o terror, a mentira, a hipocrisia e a traição? Não deve a política do poder do século XXI ser recolocada na escala ética de valores humanos?”¹⁷.

Pelo pouco espaço deste ensaio nos concentramos nas ponderações do autor sobre a Política global. Mas suas análises sobre a economia mundial também ocupam toda segunda parte de sua obra¹⁸. Ele não esconde, porém, sua convicção de que para o *ethos mundial* que defende, deve-se estabelecer “o primado da política em relação à economia: A economia não pode funcionar unicamente a serviço da pretensa auto-afirmação racional estratégica do *homo oeconomicus*; antes ela deve – como também é expresso nas medidas de ordem política – estar a serviço de objetivos ético-políticos mais elevados”. Sugere então que é preciso criticar as “pressões concretas”, as “leis próprias” da economia, a “força normativa da realidade concreta”, como se fossem pressupostos intocáveis para reger a economia global. Pondera que exatamente “quando em nossos dias existe a necessidade de a economia adaptar-se às condições globais, é preciso que nesse processo a dignidade do homem não sofra detrimento, que a sociedade humana não seja dividida”¹⁹.

3. Ética de responsabilidade global em política e economia mundiais

As propostas de Hans Küng começam por uma crítica de que, em nossos tempos pós-modernos, não basta uma política de resultados, onde facilmente os fins justificam todos os meios, e que vem gerando as graves iniquidades sociais que conhecemos. Não bastam por outro lado apenas as boas intenções idealistas sem a preocupação com o jogo real do poder. Para Küng, as motivações que caracterizam uma ética de convicções e a preocupação com resultados são conjuntamente importantes. Reconhece uma inevitável tensão entre política e ética que deve ser mantida, de forma construtiva:

- Os *idealistas* deveriam considerar que “uma *total subordinação da política à ética* não faz justiça à política e leva ao irracionalismo. Os cálculos de poder e de interesses não podem ser negligenciados”;
- Os *realistas* deveriam ter em conta que “uma *completa separação entre política e ética* fere a validade universal da ética e leva ao amoralismo; valores, ideais e normas não devem ser negligenciados pela política”;

¹⁷ *Ibid.*, p. 102.

¹⁸ *Ibid.*, pp. 275-469.

¹⁹ *Ibid.*, pp. 365s.

- Deve-se considerar com realismo as extremas ambivalências do ser humano, em meio às quais a política não deve se curvar simplesmente aos fatos, que podem ser bestiais; deve ao contrário se conduzir por normas éticas que enobrecem a humanidade;
- “Como na política nunca se trata apenas de poder e de sistemas, mas sim de seres humanos, a política nunca poderá ser simplesmente deixada aos políticos e cientistas políticos. [...] exige-se um novo paradigma humano da política, determinado pela ética”²⁰.

Conforme Küng, “*uma via média entre a política realista e a política idealista*” consiste no “caminho de uma política no espírito da responsabilidade [...] na linha de Max Weber²¹ e de Hans Jonas²²”. Entende que a ética da responsabilidade pressupõe convicções, mas também as perguntas pelas consequências previsíveis de políticas determinadas, assumindo-se a responsabilidade por elas. “A arte da política no paradigma pós-moderno consiste em unir convincentemente o cálculo político (da política moderna) com o julgamento ético (da política idealista)”²³.

A responsabilidade global se defronta hoje com uma face científico-tecnológica do poder que o torna assustadoramente eficaz. O conhecimento se volta eminentemente para dominar informações pelas quais se possa controlar e intervir eficazmente nos processos dados pela natureza. A razão instrumental se torna predominante. Tal crescimento do poder nas mãos humanas faz crescer sua responsabilidade particularmente pela eficiência de sua ação e consequentemente pela radicalidade destrutiva do seu abuso. De fato, a humanidade chega assim à beira de sua própria extinção.

Para Hans Küng, o exercício da responsabilidade global se coloca em um contexto em que a humanidade se vê ameaçada por um choque de civilizações, como já ponderava Samuel Huntington²⁴. Uma saída de solução para este choque ele a vê através do diálogo entre as religiões e as nações, a cujo tema dedica considerações específicas²⁵.

²⁰ *Ibid.*, pp. 114-115.

²¹ M. WEBER, “Politik als Beruf”, Tübingen, 1919, pp. 505s, in ID., *Gesammelte politische Schriften*, 3ª ed., Tübingen, 1958, pp. 505-560.

²² H. JONAS, *Princip Verantwortung: Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, Frankfurt, 1984.

²³ KÜNG, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, p. 128.

²⁴ S.P. HUNTINGTON, “The clash of civilizations?”, *Foreign Affairs* 72 (1993/ nº 3) 22-49.

²⁵ H. KÜNG, “Replacing Clashes with Dialogue among Religions and Nations: Toward a New Paradigm of International Relations”, in D.W. MUSSER / D.D. SUTHERLAND (org.), *War or Words? Interreligious Dialogue as an Instrument of Peace*, Cleveland, 2005, pp. 7-21.

4. Bases da proposta para um Ethos Mundial

Em seus **princípios** em vista de um *ethos mundial*, Hans Küng aponta uma crise fundamental: “uma crise da economia mundial, da ecologia mundial, da política mundial. Por todo lugar lamentam-se a ausência de uma visão ampla, o acúmulo de problemas irresolvidos, a inação política, a condução política meramente mediana, que não chega a ser clarividente ou providente o bastante, e ainda, de forma geral, há pouca sensibilidade para o bem comum. Há muitas respostas velhas para desafios novos”. Em tal contexto insere a ambiguidade das religiões e de seus líderes, tão frequentemente compactuados com a agressão, ódio, fanatismo, xenofobia; e muitas vezes “inspiram e legitimam até mesmo confrontos sangrentos e marcados pela violência”²⁶.

Diante de tal verificação, Hans Küng aposta em um *ethos* que embora “não ofereça soluções diretas para todos os imensos problemas mundiais, oferece a base moral para uma ordem individual e global melhor: uma *visão* capaz de afastar homens e mulheres do desespero, e as sociedades, do caos”. Note-se, portanto, que o projeto visa realmente uma melhoria do *ethos*, aludido como uma *visão* propícia para a construção de soluções.

A este ponto, evoca-se a força das religiões, em que homens e mulheres, através de sua fé, mandamentos e práticas religiosas já possuem “um *consenso fundamental* mínimo, no que diz respeito a *valores* obrigatórios, *parâmetros* inamovíveis e *atitudes* morais básicas”. Desta forma, o projeto toma por certo que um consenso entre as religiões pode constituir a base para um *ethos mundial*. O projeto cultiva a este respeito três grandes convicções:

- Não haverá paz entre as nações sem a paz entre as religiões;
- Não haverá paz entre as religiões sem o diálogo entre as religiões;
- Não haverá diálogo entre as religiões sem pesquisa sobre seus fundamentos.

Entretanto, esta base encontrada nas religiões diz respeito a um *ethos* para a sociedade global. O projeto enfatiza que “não há nova ordem mundial sem um novo *ethos mundial*”. Este começa por uma consciência da responsabilidade: “todos somos responsáveis por uma ordem mundial melhor”. O reconhecimento dos problemas mundiais que ameaçam a sobrevivência humana, junto com a aceitação de princípios fundamentais, como os que constam na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), favorecem a construção de um consenso construtor do *ethos mundial* capaz de gerar uma nova ordem mundial. Não se trata de “nova ideologia

²⁶ DECLARATION of the Parliament. *A Global Ethics*.

mundial, nem de uma religião mundial única”, mas de um consenso fundamental sobre um *ethos*, sem o qual “cedo ou tarde toda comunidade vê-se ameaçada pelo caos ou por uma ditadura, e as pessoas, como indivíduos, perderão a esperança”. O desafio básico neste *ethos* consiste em se assumir “que todo ser humano tem que ser tratado de forma humana”, em sua dignidade e autonomia.

Quatro preceitos irreversíveis são propostos:

- Compromisso com uma cultura da não-violência e do respeito (*Ehrfurcht*) diante de toda vida;
- Compromisso com uma cultura da solidariedade e uma ordem econômica justa;
- Compromisso com uma cultura da tolerância e uma vida de veracidade;
- Compromisso com um³⁹ Intervenção de Massignon sobre Gandhi em Seminário organizado pela UNESCO, em janeiro de 1953 (Seminar on the Contribution of Gandhian Out-look and Techniques to the solution of tensions between and within Nations), in DREVET (org.), *Massignon et Gandhi*, p. 112.a cultura da igualdade de direitos e do companheirismo entre homem e mulher.

A Declaração, que sintetiza o projeto, conclui com um apelo à formação da consciência moral: “Todas as experiências históricas demonstram: não se pode mudar nosso planeta sem que se chegue a mudanças de consciência no indivíduo e na opinião pública”. Esta consciência diz respeito não apenas à própria dignidade e aos direitos, mas também à responsabilidade pelo que se faz e se deixa de fazer. Que as polêmicas não impeçam a construção de pontos comuns em favor do *ethos mundial*.

5. Breve balanço da contribuição de Hans Küng

As argumentações e propostas do projeto *Weltethos* vão bem além dos aspectos aqui aludidos e isto recomenda modéstia nas observações que seguem. As posições de Hans Küng estão expostas a críticas que o próprio autor reconhece e procura respondê-las²⁷. Aqui se trata apenas de fazer um pequeno balanço da contribuição deste autor para a bioética global em termos da responsabilidade global diante dos desafios éticos de nossos

²⁷ H. KÜNG, “Global Ethic: A Response to My Critics”, *International Journal of Politics, Culture and Society* 14 (2000/nº 2) 421-428.

²⁸ V. GARRAFA / D. PORTO, “Bioética: poder e injustiça: por uma ética de intervenção”, in V. GARRAFA / L. PESSINI (org.), *Bioética: poder e injustiça*, São Paulo: Loyola, 2003, pp. 35-44.

tempos. Anotamos, de nossa reflexão, algumas observações entre as quais também alguns aspectos críticos.

1. Parece importante reconhecer de início a nobreza moral com que Hans Küng empreende este projeto de *Weltethos*. A iniciativa implica em um investimento teórico e prático, corajoso e ousado que caracteriza um gesto concreto de responsabilidade global. Seu apelo à consciência individual é auto-implicativo. De algum modo busca realizar o que a *bioética de intervenção*²⁸ e a *bioética de proteção*²⁹ sugerem, ao propor passos de práticas sociais que superem uma circunscrição da bioética à reflexão teórica.

2. O ponto de partida de Hans Küng é também sugestivo para a provocação da responsabilidade global. No conjunto de suas propostas se realçam: a) o desafio das ameaças de destruição e do sofrimento; b) as incoerências da razão e da religião; c) a indignação e a esperança. Estes três elementos abrem um programa em que se entrelaçam os diferentes âmbitos do humano na elaboração da ética e particularmente na construção do ambiente (*ethos*) dentro do qual esta elaboração se possa fazer adequadamente:

- a insuficiência das razões que regem atualmente os destinos do mundo: impasse de perspectivas;
- a conseqüente necessidade de reavaliar as bases e fundamentos de nossas razões;
- a convocação à coerência;
- a importância do “ambiente” em que construímos a ética (fenótipo de nossa ética): ir além da razão pragmática e respirar esperança.

3. Um perfil *parenético*? – A insistência sobre a necessidade de valores universais abre uma questão sobre a transição do universal para as particularidades. Dentro do universalismo ético, persiste a necessidade de critérios, além da universalidade, para se chegar à solução de conflitos particularizados; caso contrário não se faz mais do que afirmar valores genéricos de justiça, dignidade e semelhantes, sem poder saber como tais valores se expressam nas realidades concretas³⁰. O neologismo grego *parenético* quer aludir exatamente a este caráter de um discurso anterior à ética; tem um valor de admoestação, conselho e incentivo, mas não tem força de vinculação ética pois deixa ao ouvinte o detalhamento dos critérios ulteriores que regem as práticas.

²⁹ F.R. SCHRAMM, “¿Bioética sin universalidad? Justificación de una bioética latinoamericana y caribeña de protección”, in UNESCO, *Estatuto Epistemológico de la Bioética*, México: Red Latinoamericana y del Caribe de Bioética de la UNESCO, 2005, pp. 165-185.

³⁰ M.A. de OLIVEIRA, “Projeto de ética mundial na concepção de Hans Küng”, in L.A. GÓMEZ DE SOUZA (org.), *Desafios do século XXI. Biociências, reprodução e sexualidade, fundamentalismo e ética*, Rio de Janeiro: EDUCAM, 2008, pp. 219-236, aqui p. 233.

4. Um projeto *decisionista*? – O apelo à importância da consciência em âmbito social e individual daria a impressão de que a solução dos problemas globais passe pela decisão das pessoas: “Sua posição pode ser considerada decisionista, na medida em que a aceitação de um conceito moral é uma decisão de cada indivíduo e nada há que o obrigue a tomar essa decisão”³¹.

5. Supervalorização da religião? – A proposta de Hans Küng ressalta a complexidade do encontro entre as religiões. Mas suas convicções sobre a religião como referência para dar garantia aos valores e normas, e para conferir efetividade às práticas, levam a afirmações no mínimo ousadas para quem se baseia apenas na razão e não na religião ao construir o *ethos* e a ética. Embora Hans Küng suponha a religião em estreita interação entre fé e razão, são surpreendentes suas afirmações:

- “Não é o *ethos* em si mas a religião que consegue dar *garantia absoluta* aos valores, normas, motivações e ideais, e ao mesmo tempo concretizá-los. Só com o pressuposto de um Absoluto as normas éticas adquirem caráter absoluto”;
- “Não é um *ethos* universal mas sim a religião que consegue, por meio de ritos e símbolos comuns, através de um quadro histórico e de uma visão de futuro, criar um *lar para a segurança espiritual*, para a confiança e *para a esperança*. Noutras palavras: A religião responde à pergunta por uma comunidade última e por uma última pátria ‘espiritual’”;
- “Não é um *ethos geral* mas sim a religião que consegue mobilizar o protesto e a *luta contra as condições injustas*, mesmo quando tal protesto e tal luta *parecem não ter perspectivas de êxito*, ou quando a frustração já se estabeleceu. Noutras palavras: A religião é expressão de um anseio já agora atuante pelo ‘totalmente outro’, anseio este que não pode ser satisfeito dentro dos limites deste mundo”³².

6. Que argumento tem autoridade para convocar a um *ethos* global? – J.B. Metz reconhece o mérito de se buscar um *ethos global*, mas se pergunta sobre o critério que tenha autoridade para interpelar as religiões e as culturas em vista de tal *ethos*. E propõe “a autoridade dos sofredores (não do sofrer!)”. Evoca o pensamento de Th.W. Adorno que diz: “A necessidade de deixar falar a dor é a condição de toda verdade”³³. Reconhece que esta é uma autoridade ‘fraca’, segundo os critérios modernos do consenso e do discurso da autoridade, pois pressupõe o reconhecimento do ‘outro’ nas relações; entretanto completa dizendo: “Essa autoridade ‘fraca’ dos sofre-

³¹ OLIVEIRA, “Projeto de ética mundial na concepção de Hans Küng”, p. 234.

³² KÜNG, *Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, p. 252.

³³ Apud J.B. METZ, “Proposta de programa universal do cristianismo na idade da globalização”, in R. GIBELLINI (org.), *Perspectivas teológicas para o século XXI*, Aparecida: Santuário, 2005, pp. 353-364, aqui p. 355.

dores é, segundo meu parecer, a única autoridade universal que tenha restado em nossas situações globalizadas. Ela é ‘forte’ enquanto não é iludível nem religiosamente nem culturalmente”. E conclui de modo enfático: “perceber a dor alheia é a condição indispensável para qualquer pretensão moral universal”³⁴.

Na medida em que tenha consistência esta posição de J.B. Metz, parece também mais clara a razão de Hans Küng em apelar para a coerência das religiões no sentido de que examinem os fundamentos de sua espiritualidade e contribuam para a formação de um *ethos global* propício à corresponsabilidade global. No fundo, o projeto *Weltethos* contribui com a responsabilidade global buscando suscitar a responsabilidade pelo “outro”. Isto significa um movimento de **transcendência** para cuja construção convoca particularmente as religiões.

APÊNDICE:

Outros escritos de Hans Küng complementares ao tema

Wozu Weltethos? Religion und Ethik in Zeiten der Globalisierung: Im Gespräch mit Jürgen Hoeren, Freiburg: Herder, 2002; 2ª ed., 2006 (Traduzido no Brasil: *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização*: Conversando com Jürgen Hoeren, São Paulo: Loyola, 2005).

O Princípio de todas as coisas. Ciências Naturais e Religião, Petrópolis: Vozes, 2007.

Capítulos de livros

“Global Ethic. Two Declarations”, in T. KUNUGI / M. SCHWEITZ (org.), *Codes of Conduct for Partnership in Governance: Texts and Commentaries*, Tokio, 1999, pp. 293-329.

“A Global Ethic in an Age of Globalization”, in G. ENDERLE (org.), *International Business Ethics: Challenges and Approaches*, Notre Dame, 1999, pp. 109-128.

“Economy and Problems of Globalization”, in *Forum 2000*, Conference Report 8 1998, ed. by Forum 2000 Foundation, Prag, 1999, pp. 152-155.

“Global Ethic for a New Global Order”, in A. SHARMA (org.), *Religion in a Secular City: Essays in Honor of Harvey Cox*, Harrisburg/PA, 2001, pp. 121-128.

“Many Faiths – One Tolerance”, in ALFRED HERRHAUSEN SOCIETY FOR INTERNATIONAL DIALOGUE (org.), *The End of Tolerance?*, London / New York, 2002, pp. 203-213.

³⁴ METZ, “Proposta de programa universal do cristianismo na idade da globalização”, p. 361.

"A Global Ethic for a New Global Order", in N. DOWER / J. WILLIAMS (org.), *Global Citizenship: A Critical Reader*, Edinburgh, 2002, pp. 133-145.

"World Religions, World Peace, World Ethic", in I. TAIPALE *et al.* (org.), *War or Health?: A Reader*, London / New York, 2002, pp. 580-586.

"An Ethical Framework for the Global Market Economy", in J.H. DUNNING (org.), *Making Globalization Good: The Moral Challenges of Global Capitalism*, New York, 2003, pp. 145-158.

"Global Ethic: Development and Goals", in P. SCHMIDT-LEUKEL (org.), *War and Peace in World Religions*, London, 2004, pp. 183-198; also in S. HADI ABDULLAH (org.), *Universal Values and Human Renewal: A Reader*, Kuala Lumpur, 2004, pp. 81-97.

"Imperatives for Inter-Religious Dialogue in the Postmodern Period", in D. KON (org.), *For the Love of God: A Creative Anthology*, Singapore, 2004, pp. 263-266.

"Global Ethic. A Foundation for a new World Order", in R. PESTEL / F. J. RADERMACHER (org.), *Information Society, Globalization and Sustainable Development: The promise of a «European Way»*, EXPO 2000 – Conference. Convention Center Hanover, FAW Ulm 2004, pp. 273-285.

Artigos

"The Struggle Against Corruption Requires an Ethical Framework: Common Values on Integrity and Accountability Endorsed by the World's Religions", *The Journal of Peace Studies*, vol. 11, n° 1, December 2004, Seoul, Korea, pp. 335-342.

"Replacing Clashes with Dialogue among Religions and Nations: Toward a New Paradigm of International Relations", in D.W. MUSSER / D.D. SUTHERLAND (org.), *War or Words?: Interreligious Dialogue as an Instrument of Peace*, Cleveland / Ohio, 2005, pp. 7-21.

"From Self-centered Humanism to a Global Ethic" (in Korean and English), in D. LEE *et al.* (org.), *Dialogues for the 21st Century*, Seoul, 2006, pp. 73-93.

"World Peace – World Religions – World Ethic", *Concilium*, vol. 30, n° 3, 1994, London, pp. 127-139.

"Christ, Our Light, and World Religions", *Theology Digest*, vol. 42, n° 3, Fall 1995, pp. 215-219.

"A Global Ethic and Education", *British Journal of Religious Education*, vol. 18, n° 1, 1995, pp. 6-21.

"Theologians Now Face Either-Or Situations", *National Catholic Reporter*, vol. 32, n° 8, 15/12/1995, pp. 6-7; also as "Waiting for Vatican III", *The Tablet*, vol. 249, n° 8.106, 16/12/1995, pp. 1616-1618.

"Global Ethic and Education in Tolerance", *Diogenes*, vol. 44/4, n° 176, Winter 1996, pp. 137-155.

"A Global Ethics in an Age of Globalization", *Business Ethics Quarterly*, vol. 7, n° 3, July 1997, pp. 17-31.

"Global Politics and a Global Ethic. A Challenge for the New Century", in FINNISH ACADEMY OF SCIENCE AND LETTERS, Year Book 1999, pp. 59-61.

"Towards a Universal Civilization", *Islam and Christian-Muslim Relations*, vol. 11, n° 2, 2000, pp. 229-234.

"Global Ethic for a New World Order", in *Religions in Our Future Society*. International Symposium for the 100th Anniversary of the Birth of Master Chongshan, ed. by the Wonkwang University, Iksan, 2000, pp. 369-380.

"Global Ethic and Traditional Chinese Ethics" (chin.), *Journal for the Study of Christian Culture*, n° 4, 2000, pp. 284-296.

"Global Ethic: A Response to My Critics", *International Journal of Politics, Culture and Society*, vol. 14, n° 2, 2000, pp. 421-428.

"Basic Trust as the Foundation of a Global Ethic", *International Review of Psychiatry*, vol. 13, n° 2, 2001, pp. 94-100.

"Global Politics and Global Ethics. Status Quo and Perspectives", *Seton Hall Journal of Diplomacy and International Relations*, vol. 3, n° 1 2001/2002, pp. 8-20.

"A Global Ethic: Development and Goals", *Interreligious Insight. A Journal of Dialogue and Engagement*, vol. 1, n° 1, January 2003, pp. 8-19.

Outras indicações sobre obras de Hans Küng

www.weltethos.org/dat-english/pdf_eng/bibl-hk-eng.pdf

Márcio Fabri dos Anjos é doutor em Teologia, e professor no Centro Universitário São Camilo (São Paulo, Brasil) e no Instituto S. Paulo de Estudos Superiores. É membro da Câmara Técnica de Bioética do Conselho de Medicina de São Paulo e da diretoria da Sociedade Brasileira de Bioética. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião.

Endereço: Rua Oliveira Alves, 164
04210-060 São Paulo – SP
e-mail: mfabri@terra.com.br